

SAUDAÇÃO AO DR. JOSÉ FROTA

PEDRO SAMPAIO

Ao dirigir, em nome do Centro Médico Cearense, esta saudação singela e cordial ao querido amigo e colega José Ribeiro da Frota, por motivo de seu jubileu profissional, sejam as minhas palavras um hino de louvor aos seus reconhecidos méritos e também, em primeiro lugar, uma lembrança de nossa vida de estudante, a saudosa recordação de como nos conhecemos, uma reminiscência que já nos vai quase esmaecida na memória, mas que ainda traz balsâmica suavidade à nossa alma, desalentada pelos reveses da vida e pela impiedade dos anos que passam.

Foi em 1904. Chegara eu à Bahia para cursar a sua Faculdade de Medicina. Não lhe conhecia viva alma, não tinha recomendação nem apresentação de ninguém e nem sequer sabia para onde levar a minha carcaça e a velha mala que me acompanhava fiel à minha desdita. Ao desembarcar, o prêto que me serviu de Cirineu, transportando a mala, guiou-me também, gentil e pressuroso, para uma república de cearenses de seu conhecimento.

Chegamos assim à ladeirenta rua do Jenipapeiro. Paramos no número 15, modesto sobradinho de dois andares, onde "republicanizavam" doze estudantes. De pronto subi-lhe as escadas rãngentes e lodosas e, em chegando ao alto, deparei com um grupo de rapazes ao redor de uma mesa, disputan-

do calorosamente uma partida de "poker", com ficha a vintém.

Ao ver-me, um dos jovens perguntou-me o que eu desejava e ao responder-lhe quem era, de onde viera e a que viera, com gesto amigo e protetor como se de há muito nos conhecêssemos, levou-me a um quarto próximo onde, sentado à banca de estudos, com uma bojuda anatomia-patológica aberta à sua frente, um rapaz estudava, indiferente ou surdo à inferneira que, por entre volutas de fumo, ecoava na sala ao lado.

E êsse rapaz, embora ainda bem moço, mas começando a encalvecer, tinha a fronte rugada, talvez por preocupações de estudos e era como um ser à parte naquele pandemônio onde só êle parecia estudar, dando mostra de que na trêfega vida de estudante também havia quem cumprisse deveres e obrigações.

Êsse moço era José Frota, a quem eu comecei a conhecer, a estimar e admirar.

Aos poucos, por seu intermédio, fui desasnando com o resto da república:— o Joaquim Frota, irmão do José Frota, todo açodado no preparo de sua tese de doutoramento sôbre Kerattes; o Cesário, cursando o quarto ano de medicina, o mesmo do José Frota, engrouvinhado, olhar esquivo, dorso acorncundado, sempre com um livro em baixo do braço, resmungando e a andar para diante e para trás, pelo corredor; um paraibano pernóstico, que se chamava, eu creio, Ezequiel, com o retrato da noiva pregado à parede por cima da banca de estudo. O mais insociável de todos. E, quando lhe batíamos à porta, antes de abri-la, virava a capa do retrato da moça para a parede, receoso, diziam, que ela, mesmo em efígie, nos visse em trajas menores.

Êsses eram os graves ministros dessa república sem leis e sem ordem; os abelhões dessa colmeia sem rainha e sem vôos nupciais, mas onde se fabricava o capitoso mel da camaradagem, da graça e da troça estudantil.

Nós outros, que não pertencíamos ao ministério de vete-

ranos, éramos simples zangões, que zumbíamos o ano inteiro e só nos acercávamos dos livros, à aproximação dos exames. E, como um veemente protesto contra a ínfima mesada que de casa recebíamos, passávamos o tempo em namoricos, em passeios domingueiros no Rio Vermelho e em serenatas do luar no Farol da Barra.

Só o José Frota não tomava parte em nossas patuscadas. Ao amanhecer o dia, enquanto os outros, até bem tarde, ao embalo das rêdes, deixavam-se ficar na modôrra e na mandriice, êle sorvia às pressas o seu café da manhã e saía a caminho do hospital. Lá passava a parte do dia e às vêzes noites inteiras, no afã de tirar o máximo proveito do que lhe ensinavam e do que observava à cabeceira dos doentes.

Essa foi a impressão que guardei do José Frota, quando estudante de Medicina.

No pouco tempo em que com êle privei, nunca vi desviar-se dessa linha reta e rija que traçou para sua vida. Parece até que, para êle, tôda a vida resumia-se no amor ao hospital onde trabalhava e no trazer em dia os estudos e obrigações.

Dois anos mais tarde, transferindo-me para o Rio de Janeiro, deixei-me ficar por lá o resto do curso e, quando, depois de formado, vim a Fortaleza aventurar-me na clínica, aqui já encontrei José Frota ao lado de Eduardo Salgado em afanosa vida profissional.

Mas sempre o mesmo José Frota da república do Jenipa-peiro: modesto, acanhado, taciturno, cumpridor de seus deveres e, na aparência, um pouco mais calvo e mais sisudo. Cônsco das responsabilidades que já lhe assoberbavam a vida de médico, atendia solícito vasta clientela, sem receber, muitas vêzes, nem sequer o convencional muito obrigado, com que os doentes, em geral, costumam recompensar os trabalhos e as canseiras do médico.

Quando Eduardo Salgado deixou de clinicar e mudou-se para a Capital Federal, José Frota; João Marinho de Andrade, Eliézer Studart da Fonseca e Abdenago da Rocha Lima as-senhorearam-se da clínica cirúrgica em nossa Capital e todos

empenharam-se para não deixar fenecer a semente viçosa e feraz, plantada e cultivada por Eduardo Salgado, o mais ou-sado, o mais feliz e o mais conceituado cirurgião que teve o Norte do país em todo o primeiro quartel do século vigente.

José Frota, logo depois de formado, como costumavam fazer os médicos de largas posses, andou pelo Velho Mundo a arejar o espírito e a espairar a vista por paisagens de outras terras. Foi talvez nessa oportunidade que ouviu ou leu os conselhos do grande cirurgião francês Vitor Pauchet aos seus discípulos: — “Não refleti por demasiado tempo, dizia êle. O que reflete longamente não age nunca. A abstenção é a política dos medrosos, dos preguiçosos, dos covardes, dos abúlicos. Um homem nunca anda inteiramente certo nem inteiramente errado. Um negócio nunca é totalmente bom e mau. O risco é universal e perpétuo. É preciso saber aceitá-lo. Quando nos casos de dúvida, fazei rapidamente o vosso cálculo. O resultado é negativo? Não penseis mais nisso. É positivo? Formai enèrgicamente o vosso partido, sem mais hesitardes”.

Alicerçados nesses conceitos é que os cirurgiões desta nova era de progresso da medicina, era de maravilhoso renascimento, elevaram a profissão aos mais altos píncaros científicos do saber e das realizações.

E José Frota, ao regressar da Europa, veio animado dessas idéias novas e também com o corajoso propósito de fazer alguma cousa mais e melhor do que aquilo que então se praticava no Ceará, com o nome de cirurgia. Enfrentou o marasmo da rotina, a maledicência dos invejosos, a inércia dos comodistas e meteu ombros à emprêsa de estabelecer, entre nós, outros padrões mais avançados no campo da prática cirúrgica. Estudando, trabalhando e praticando, pôs à prova sua habilidade cirúrgica, não a habilidade apenas manual, mas aquela de que falava o Professor Marion, a verdadeira habilidade cirúrgica que é, antes de tudo, função de um cérebro a conceber prontamente o que é necessário fazer, porque é pelo cérebro, dizia êle, que se distingue o verdadeiro cirur-

gião daquele que é simples operador, legítimo barbeiro de antigamente.

E José Frota venceu a rotina, firmou-se no conceito dos colegas e do público. Mas não conseguiu isso sem sofrer alguns repelões dos despeitados, dos descrentes, dos pessimistas, daqueles que, quando não podiam negar o êxito brilhante de um feito cirúrgico, explicavam-no dizendo depreciativamente: Foi sorte. Sim, sorte, mas aliada ao saber e à habilidade. Porque não há médico nem cirurgião, por mais hábil e sábio que seja, que possa vencer, sempre e galhardamente, os percalços e as dificuldades do ofício, sem a ajuda desse fator sorte, de valor inestimável em todos os atos da vida.

E êle ainda encontrou a empecer-lhe os passos todo um passado de cirurgia retrógrada que, se já não era aquela do tempo de Ambroise Paré, bem longe estava de ser esta dos dias atuais, com o seu aperfeiçoamento beirando, muitas vezes, as lindes da perfeição.

No fim da primeira década do século atual, quando José Frota começou a clinicar, fazer cirurgia era uma aventura ousada e perigosa. A anestesia do doente ainda se fazia, cheia de perigos e sobressaltos, ou pelo éter ou, mais comumente, pelo clorofórmio. Nem sempre com o auxílio de máscara mas em lenço ou em compressa embebida no anestésico e aplicada ao nariz do paciente, siderando-o ou asfixiando-o.

E quantas mortes resultantes desse método primitivo pelas quais o cirurgião era responsabilizado e arrastado ao pelourinho do descrédito e da calúnia!

A assepsia era rudimentar, tanto a da sala de operações, como a do doente e a do próprio cirurgião que, quando zeloso e escrupuloso, apenas lavava as mãos com água e sabão, esfregava-as com escôva e desinfetava-a com álcool iodado.

Não se falava ainda em pré-operatório e os apetrechos cirúrgicos recebiam, a título de desinfecção, uma fervura em tacho ou lata de querosene.

Era, pois, uma temeridade e requeria alta dose de coragem e sangue frio praticar cirurgia nessa época.

Por falta de laboratórios e de raios X, os diagnósticos clínicos estavam confiados inteiramente à argúcia do médico e à superagudeza de seus cinco sentidos.

No entanto, **mirabile dictu**, se não mentem as estatísticas, o obituário, nesse tempo, por intervenções cirúrgicas, não era muito mais elevado de que o de hoje. É verdade que então não se faziam muitas das operações que agora se praticam, mas as que se realizavam constituíam verdadeiros rasgos de coragem, de arrôjo, de habilidade e sobretudo de sorte.

Eis aí, minhas senhoras e meus senhores, em pálido esbôço, o perfil profissional dêste médico que, durante 50 anos ininterruptos, sem desânimo e sem desfalecimentos, deu tudo o que podia e ainda mais do que isso, em favor da saúde, da vida e do bem-estar de seus conterrâneos; aí tendes, em rápidos traços, o retrato moral de José Frota, dêste homem que, por meio século, tanto no exercício da profissão, como na vida particular, nunca encontrou quem não lhe atribuísse tôdas as peregrinas qualidades que devem exornar o caráter de um homem de bem.

É, pois, por demais merecida e justa esta homenagem que o Centro Médico Cearense presta hoje a seu ilustre consócio dr. José Ribeiro da Frota que, por sua vida edificante de **sacerdos magnus** da medicina, por seu saber, por sua bondade e por sua probidade, faz jus ao honroso e excelso título que todo o Ceará, em reconhecimento, lhe confere:

Vir Bonus, probus et sapiens.